

Cartinha

Caro Salim,

convidaram-me para dar um depoimento sobre os teus “60 anos em literatura”. Espaço imenso, este “em literatura”, que vai de teus primeiros passos que tu assim me contaste:

Meus primeiros escritos foram em plena infância, historinhas que eu contava para outras crianças e depois procurava passar para o papel. Devia ter 8,10 anos. Lá pelos 12 anos, um texto mais longo, espécie de novela: passava-se na África fantástica e misteriosa, misto de leituras de Tarzã e de Schopenhaur...

Espaço imenso que vai de teu primeiro livro publicado, *Velhice e outros contos*, que continha *in nuce* algumas constantes que marcariam toda tua obra futura como a preocupação com o tempo e a memória, a preocupação com a velhice e a morte, com o relacionamento conflituoso do ser humano, com o psicológico e o humano, até as últimas publicações, como *Mare nostrum*, *O sabor da fome*, *Jornada com Rupert*, passando pelo *Nur* e pelos muitos livros de relacionamento com escritores e homens de cultura que encontraste em tua vida (em minha última visita, o ano passado, encontrei na tua casa o açoriano João Melo).

Vou entrar nesse espaço, caro Salim, e dizer um pouco não do bom escritor que tu és, mas do intelectual que tu também és, porque tu para mim és um *exemplum* de intelectual, um intelectual de corpo inteiro, daqueles verdadeiros, de quem em qualquer latitude, no Brasil como na Itália, sentimos falta.

O que é um intelectual? Quem pode se definir como um intelectual? Com certeza quem, em suas atividades diárias, em seu trabalho cotidiano serve-se preponderantemente do intelecto, do raciocínio. E portanto muitos, *strictu sensu*, podem-se definir intelectuais: escritores e jornalistas, advogados e engenheiros, médicos e professores...Assim, porém, o campo da intelectualidade alarga-se demasiadamente e poderiam estar no mesmo plano o perseguidor e o perseguido...

Intelectual é quem vê *criticamente* a realidade e, sobretudo, o poder; o intelectual é quem solicita o poder, quem aguilhoa-o constantemente. Quem está na contramão. Quem *critica* e faz e constrói o bem da comunidade.

Tu começaste com os jornais *Folha da Juventude* e *Cicuta*, quase brincadeira juvenis, mas depois veio a revista *Sul*, que floresceu durante toda uma década, tornando-se o primeiro elo entre culturas diferentes e dando a muitos escritores portugueses e africanos uma oportunidade, que os ásperos tempos da política dificultavam. E veio também *Roteiro* e, enfim, mas na cidade do Rio de Janeiro, *Ficções*. Trabalho cultural impagável e generoso.

Em 1961 começas a trabalhar no Estado, exercendo vários cargos, tornando-te desde então um ponto de referência e um agitador da cultura catarinense. Eu também pude experimentar o teu entusiasmo, quando estava entrevistando os escritores catarinenses. Ajudaste-me muito, ainda que a resposta de teus confrades fosse lenta e desanimadora. Escrevias em uma carta de 15 de março de 1991:

Conforme tinha dito em minha carta, resolvi não mais me envolver, mas acabei, em consideração a você, falando mais alguns nomes da lista. A resposta, sempre a mesma: andei sem tempo, me esqueci, vou providenciar. Será que o fizeram? Lamento mais pela oportunidade perdida, do que pra você. Você tem uma bagagem de serviços prestados à literatura brasileira que independem do livro sobre catarinenses; aqui é que não temos quem se debruce sobre o que fazemos.

O livro de entrevistas a escritores catarinenses e gaúchos saiu pela editora da Universidade Unisul em 2009, mas antes houve entrevistas publicadas separadamente, como por exemplo a de Guido Wilmar Sassi em número único de *Ó Catarina*.

Em 1964 és detido para averiguações...Mas foste tu que muitos anos depois *averiguaste* os dias de prisão no forte e viril *Primeiro de Abril*.... Mas por que, caro Salim, quando, em 1987, respondeste ao meu questionário - a maioria dos escritores catarinenses respondeu por escrito, não gravando a entrevista - por que esqueceste a pergunta que julgo de suma importância e que dizia: *Houve em tua vida uma encruzilhada que te marcou determinantemente?* Talvez porque ainda não estavas pronto para repensar a experiência da cadeia? Porque não querias adiantar nenhuma consideração? Porque a ferida estava ainda sangrando?

A cadeia foi o “prêmio” do teu trabalho intelectual. O estigma forte de tua biografia. Foste preso por ser um intelectual e apenas pelo teu trabalho cultural. E trabalho intelectual, por ser, em si “perigoso” para o poder, não precisa de provas. Escreveste em *Primeiro de Abril*:

Vagas notícias circulavam: ‘amigos’ haviam viajado ao Rio e Brasília, pediam teu emprego, insistiam na tua demissão, diziam estranhar que um notório subversivo, que estivera mais de um mês preso, permanecesse atuando no escritório da Agência Nacional. Alguns te defendiam,

alegando a inexistência de provas. Ora, provas, retrucavam, pra que provas, basta ver a atuação dele na área cultural, que continua intensa”.

Já o filósofo Giordano Bruno, que pelas suas ideias morreu queimado no Campo dei Fiori, em Roma, em 1600, tinha escrito em *Sobre o infinito, o universo e os mundos*: “Se eu manejasse um arado, apascentasse um rebanho, cultivasse uma horta, emendasse uma veste, ninguém me daria atenção, poucos me observariam, raras pessoas me censurariam e eu poderia facilmente agradar a todos. Mas por estar interessando na cultura do espírito e dedicado à atividade do intelecto, eis que sou ameaçado, observado, assaltado, mordido, devorado”.

Deonísio da Silva, que também teve que enfrentar a polícia, pôs esse trecho, adaptando-o, como epígrafe ao seu belo romance *A cidade dos padres*.

Agora, Salim, vives como um patriarca na tua ilha, que tantas vezes gostarias de voltar a chamar Nossa Senhora do Desterro; és uma instituição, um *monumentum*. Mas não poderias ter chegado a tanto sem a tua Eglê, que continua impávida sua ação cultural, a nos enviar e-mails sobre problemas políticos e sociais do Brasil e da America Latina e que nós amamos. Beijos para Eglê.

Com muito afeto e carinho.

Giovanni¹

¹ Giovanni Ricciardi foi professor de Literaturas portuguesa e brasileira da Universidade de Napoli – L’Orientale. Em 1998 recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), como divulgador e estudioso da Literatura brasileira e, em 2007, a Medalha da Academia Brasileira de Letras. Escreveu livros em italiano e português, tais como: *Sociologia da literatura; Lineamenti di una sociologia della produzione artistica e letteraria; America Latina: sindacati e società; Avanguardia e stabilizzazione della coscienza; Escrever; Auto-retratos; Soeiro Pereira Gomes: uma biografia literária; Acquerello del Brasile e Biografia e criação literária*, uma coletânea de entrevistas de escritores brasileiros, em 7 volumes. Organizou as antologias de literatura: *Scrittori brasiliani e Antologia della letteratura portoghese*.